

BOLSAS		BOVESPA		GLOBAL 40		DÓLAR		EURO		OURO		CDB		INFLAÇÃO	
Na quinta (em %)		Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)		Título da dívida externa brasileira, na quinta		Quinta-feira (em R\$)		Turismo, venda (em R\$) na quinta-feira		Na BM&F ou grama (em R\$).		Prefixado, 32 dias (em % ao ano)		IPCA do IBGE (em %)	
+ 0,51% São Paulo		62.340 60.406 28/09 01/10 02/10 03/10		US\$ 1,345 (▲ 0,07%)		1,825 (▼ 0,76%)		2,690 (▼ 0,85%)		R\$ 44,000 (▲ 0,23%)		11,04%		Abril/2007 0,25 Maio/2007 0,28 junho/2007 0,28 julho/2007 0,24 Agosto/2007 0,47	

DESENVOLVIMENTO

Economia - Brasil

Produção industrial brasileira atinge o nível mais elevado da história, segundo pesquisa do IBGE. Aquecimento econômico será um dos fatores que definirá a próxima taxa básica de juros do país

Em ritmo acelerado

MARCELO TOKARSKI
DA EQUIPE DO CORREIO

A indústria brasileira acelerou fortemente seu ritmo de produção, que em agosto cresceu 6,6% sobre o mesmo mês do ano passado e atingiu o mais alto patamar da história. Nos últimos 12 meses, o setor acumula uma expansão de 4,5%, o melhor desempenho nesse tipo de comparação em dois anos (veja gráfico). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), caso mantenha o ritmo, a indústria deve crescer 5,6% este ano, exatamente o dobro da expansão obtida no ano passado. O aquecimento do parque fabril joga mais lenha na discussão sobre a condução da política econômica.

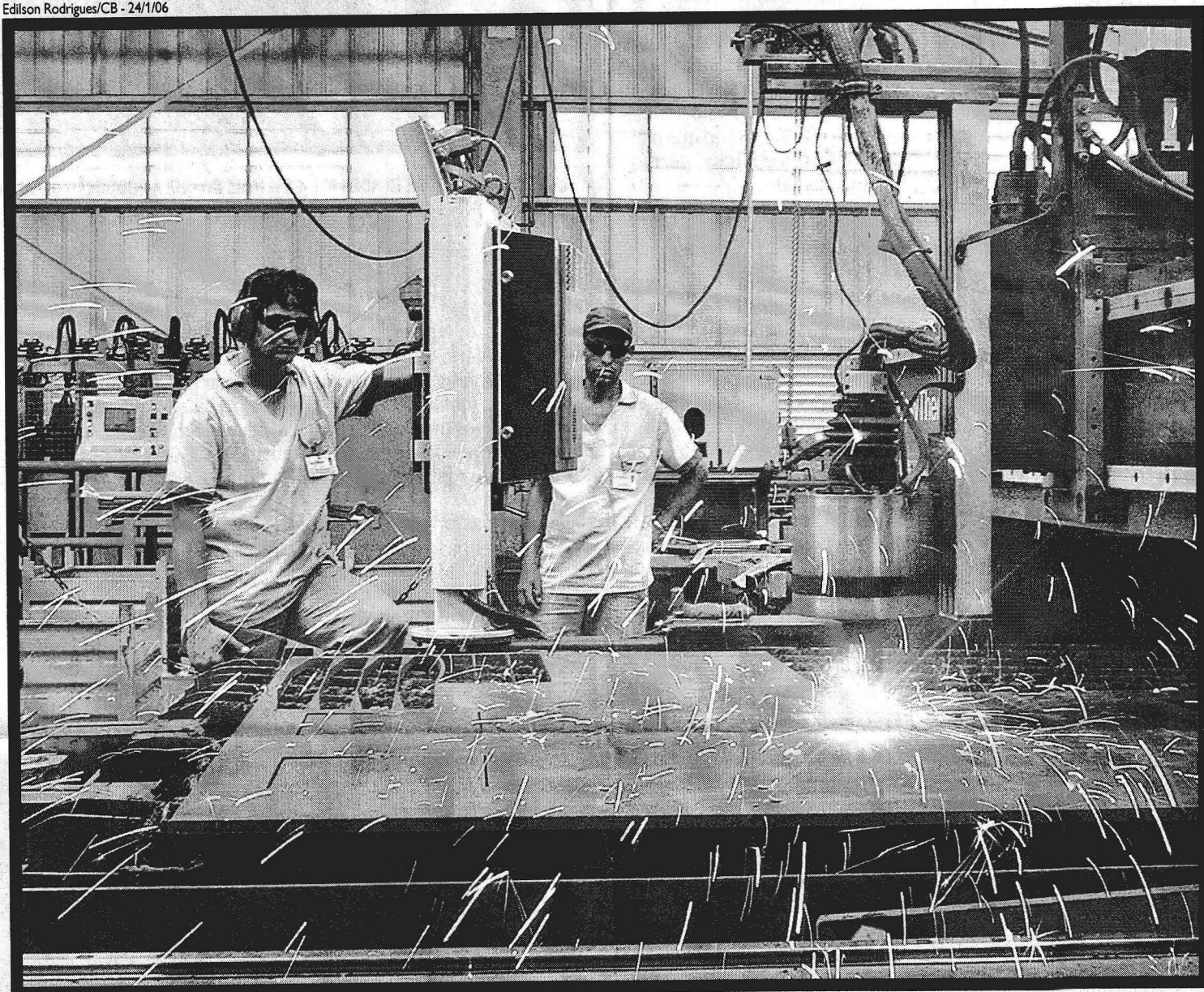
No próximo dia 17, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) se reúne para decidir sobre a taxa básica de juros (Selic), hoje em 11,25% ao ano. O BC tem se mostrado preocupado com o superaquecimento da indústria, o que pode levar a pressões inflacionárias devido ao descompasso entre oferta e demanda. Na reunião de setembro, o Copom já optou por reduzir o ritmo de queda dos juros de 0,50 para 0,25 ponto. Agora, o temor do setor produtivo é de que o processo de redução da Selic (**leia texto abaixo**) seja interrompido.

Ontem, até o IBGE entrou no debate. Vinculado ao Ministério do Planejamento, o órgão normalmente não opina sobre a condução da política monetária, mas o chefe da Coordenação de Indústria, Silvio Sales, foi taxativo ao afirmar que o aquecimento do setor não é uma ameaça ao controle de preços. Segundo ele, a produção industrial vem crescendo acima da inflação, o que indica um "crescimento com qualidade". De janeiro a agosto, enquanto a indústria cresceu 5,3%, a inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ficou em 2,8%.

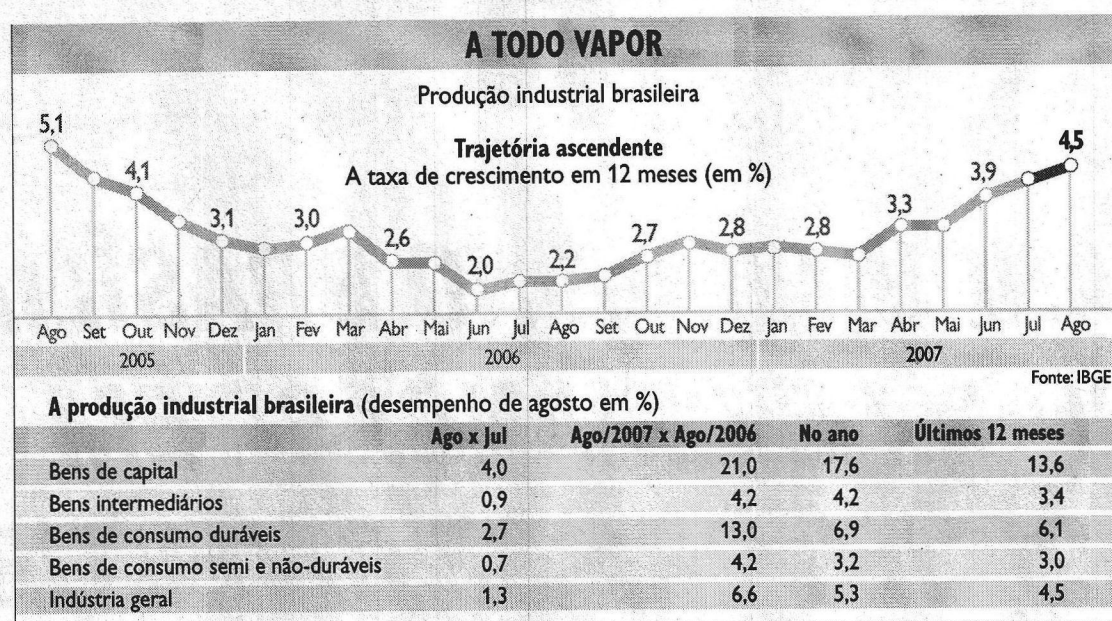
A opinião do economista está baseada no comportamento dos bens de capital (máquinas e equipamentos), que em todas as comparações feitas pelo IBGE crescem em um ritmo três vezes maior que a produção industrial. No acumulado do ano, a produção de máquinas e equipamentos subiu 17,6%, sinal de que o setor está investindo na ampliação da sua capacidade produtiva.

Outra variável que mostra o crescimento dos investimentos é o consumo aparente de máquinas e equipamentos, calculado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Resultado da soma dos bens de capital produzidos no país e importados, descontadas as exportações, o índice atingiu 34% em agosto e 19,4% no acumulado do ano. "É um dado muito forte, que mostra uma tendência de elevação dos investimentos no aumento da capacidade produtiva do país. Isso cria condições para um crescimento sustentado e, pelo menos por enquanto, reduz os riscos inflacionários", afirma José Ronaldo Souza Júnior, economista do Grupo de Acompanhamento de Conjuntura do Ipea.

De acordo com relatório da consultoria Austin Rating, "o parque fabril nacional tem aproveitado o bom momento da economia



PRODUÇÃO INDUSTRIAL SE FORTALECE E DEVE CRESCER DUAS VEZES MAIS ESTE ANO DO QUE EM 2006. NOS ÚLTIMOS 12 MESES A EXPANSÃO ACUMULADA É DE 4,5%



e realizado os investimentos que ficaram 'engavetados' nos diversos anos em que foi registrado baixo crescimento econômico". Dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostram que o nível de utilização da capacidade instalada começa a se estabilizar entre 82% e 82,5%. "A relativa estabilidade do nível de utilização, aliada ao forte crescimento da produção, é o ponto mais positivo. Isso dá tranquilidade para o cenário de inflação quando se olha para 2008", avalia a economista Marcela Prada, da consultoria Tendências.

De acordo com o economista-chefe do West LB, Roberto Padovani, esse comportamento é suficiente para descartar riscos inflacionários. Segundo ele, no curto prazo o aumento das importações ajuda a segurar os preços, pois os produtos importados estão atendendo parte do consumo. "No médio prazo, os números mostram que os investimentos estão se concretizando, o que

elevará a capacidade instalada da indústria e também evitará pressão sobre os preços", explica.

Desempenho mensal

Na evolução mensal, a expansão da indústria vem sendo liderada pelo segmento de bens de capital, que em agosto cresceu 4% sobre julho. O desempenho é três vezes superior ao da indústria na mesma comparação (1,3%). Quem também cresce em ritmo mais forte é o segmento de bens de consumo duráveis (automóveis, eletrodomésticos, eletrônicos), com alta de 2,7% no mês. Bens intermediários (peças, insumos) e bens semi e não-duráveis (roupas, medicamentos, alimentos, bebidas) cresceram 0,9% e 0,7%, respectivamente. Para Silvio Sales, do IBGE, o crescimento da indústria vem sendo sustentado pela expansão do investimento e pelo aumento da oferta de crédito e emprego, que impulsiona a produção de bens de consumo duráveis.

APOSTA NO BRASIL

Pesquisa da Organização das Nações Unidas (ONU), que ouviu empresários que comandam multinacionais, mostra forte aposta no crescimento do mercado nacional. O Brasil foi apontado como o quinto destino preferido de investimentos no mundo nos próximos três anos. Em um estudo com empresas dos países ricos e emergentes, a ONU aponta China, Índia, Estados Unidos e Rússia como os quatro principais destinos de recursos nos próximos anos. O Brasil é considerado mais atrativo que países como Reino Unido, Alemanha, Japão, França e México.

MEMÓRIA

Interrupção em 2004

O temor de que o superaquecimento da demanda interna possa alimentar a inflação não é inédito. Há pouco mais de dois anos, o mesmo dilema contrapôs Banco Central e setor produtivo. Na ocasião, falou mais alto o receio dos diretores do BC. Em maio de 2004, quando as reuniões eram mensais, o Copom interrompeu o processo de queda dos juros, que à época estavam em 16% ao ano. Por quatro reuniões consecutivas, a Selic foi mantida. A demanda continuou aquecida e o BC decidiu aumentar os juros para esfriar o consumo. Até maio do ano seguinte, foram nove altas consecutivas.

A guinada na política de juros seguiu a inflação, mas, junto com ela, brecoou a expansão industrial. Depois de crescer 8,3% em 2004, a produção do setor subiu apenas 3,1% e 2,8% nos dois anos seguintes. Em setembro de 2005, o BC iniciou a redução dos juros. Desde então, a Selic caiu de 19,75% para 11,25%, o menor patamar da história. Com juros em baixa, o consumo interno vem crescendo muito em 2007, impulsionado principalmente pela oferta de crédito. (MT)